

---

# R

---

RESENHAS

ESPÍRITO SANTO, Diana & PANAGIOTOPOULOS, Anastasios (eds.). *Beyond tradition, beyond invention. Cosmic technologies and creativity in contemporary Afro-Cuban religions*. Canon Pyon: Sean Kingston Publishing, 2015.

---

## CRATIVIDADE E TECNOLOGIAS CÓSMICAS NAS RELIGIÕES AFRO-CUBANAS

*Mattijs Van de Port*

Há um tipo de pensamento provocador contagioso nessa obra. *Beyond Tradition, Beyond Invention*, editado pelos antropólogos Diana Espírito Santo e Anastasios Panagiotopoulos, abre com uma longa e detalhada introdução, discutindo como esses editores se permitem discordar da literatura corrente sobre religiões afro-cubanas (e afro-brasileiras). Eles consideram que, com demasiada frequência, a pesquisa nesse campo começa por identificar misturas e influências (como em: “Ah! Aqui temos uma clara linha de Catolicismo popular... e aqui a influência do Kardecismo”). Rejeitan-

do uma análise informada por ‘tradições’ conceitualizadas a priori, a alternativa que propõem nesse volume é ampliar a confusão florescente e agitada de práticas criativas encontradas em micro-configurações religiosas. Pesquisadores devem permanecer sintonizados na forma como adeptos reais trabalham relações entre pessoas, espíritos, espaços e objetos, assim como devem registrar as infinitas mudanças e transformações de significado que ocorrem nessas práticas. Essas ‘tecnologias cósmicas’ (como os autores chamam o trabalho criativo dos padres e outros adeptos) devem – ou não – falar às múltiplas ‘tradições’ encontradas na vida cotidiana em Cuba. Ainda assim, elas nunca são contidas por eles. Ou, parafraseando Bruno Latour, cujas ideias estão claramente presentes nesse volume: “tradições” podem – ou não – aparecer “como um dos muitos elementos conectores circulando dentro de minúsculos condutores”. Mesmo assim, eles nunca são “o contexto ‘no qual’ tudo é enquadrado”<sup>1</sup>.

O que os autores procuram alcançar com sua rejeição das ‘tradições’ como estrutura para análise é levar a sério as declarações e realidades vividas dos seus interlocutores. A preocupação com ‘tradições’ é mais uma preocupação acadêmica, não local. Obviamente, anunciar um trabalho feito de baixo pra cima, em vez de um trabalho de cima para baixo, pode soar como um velho jargão antropológico. Pode-se argumentar que “levar o ponto de vista nativo a sério” é o que antropólogos, ao menos desde Malinowski, têm sempre pretendido fazer. Esta obra nos ajuda a ver até onde isso tem sido, de fato, mais uma pretensão do que uma realização. Apesar de nossas intenções declaradas, nossos próprios conceitos e modos de análise sempre trabalharam para moldar o “ponto de vista nativo” em algo com que nós pudéssemos nos relacionar (como, por exemplo, o conceito de “tradições” religiosas historicamente rastreáveis). A proposta da obra é “colocar de lado pressuposições... e inventar novas premissas que não violentem as perspectivas nativas em mapeamento” (: 8). Mais concretamente, os autores dão preferência à observação das interconexões em microcontextos, em detrimento de uma perspectiva focada em como as tradições “se saem” nessas configurações, mobilizando um registro analítico que “permite-nos vislumbrar o tipo de possibilidades ontológicas em jogo no entendimento das pessoas sobre seus mundos visíveis e invisíveis” (:8).

Em geral, as contribuições individuais – discutindo práticas religiosas Afro-Cubanas como são encontradas na Ilha, mas também em lugares tão distantes quanto Tenerife e no nordeste do Pacífico – praticam o que está sendo pregado. Em close etnográfico, o leitor descobre as religiões afro-cubanas como práticas vividas, inextrincavelmente enredadas no aqui e agora da vida dos seus praticantes. Essas práticas respondem a preocupações sempre específicas e resistem a fixação em categorias formais de análise – sejam elas as dos antropólogos ou a dos comentaristas locais. Nas densas e frequentemente excitantes descrições etnográficas de práticas rituais e dos comentários locais, cosmologias não são nunca dadas, mas sempre um ‘tornar-se’ (:7).

Embora seja estritamente limitada às religiões afro-cubanas (em todas as suas infintas variações), a obra resenhada se conecta diretamente ao meu próprio traba-

lho com a comunidade de candomblé em Santo Amaro da Purificação, Bahia. O tipo de “tradições” (Umbanda, Candomblé, Ketu, Angola, Caboclo etc.) que eu, como antropólogo, introduzo nos meus diálogos com o padre e seus fiéis, são certamente conhecidas, e quando as emprego, as pessoas conseguem produzir declarações hesitantes sobre as diferentes vertentes que podem estar presentes em suas práticas religiosas. Tais diálogos, entretanto, sempre produzem considerável desconforto tanto em mim quanto nos meus interlocutores. Sempre me sinto como um tipo de avaliador, forçando-os a reproduzir o “cânone” antropológico. Eles estão muito conscientes de que devem responder meu interrogatório antropológico, e muito embora eles deem a ele uma chance, primeiramente comunicam o quão irrelevante tais conversas são para o que eles estão fazendo. O que eles estão fazendo é manter em atividade ciclos anuais de cerimônias e festividades. O que estão fazendo é decorar seu templo, vestir seus corpos, cozinhar oferendas luxuosas, bater os tambores, acercar-se da companhia dos espíritos e dançar noite a dentro. Eles estão, de fato, investindo todas as suas energias criativas em manter sua religião em movimento, como um eterno, energizante e inspirador devir.

Ao lançar “tecnologias cósmicas” e “criatividade” como pontos focais em uma antropologia das práticas religiosas afro-cubanas, esta obra promete que há, de fato, formas de “seguir os nativos, não importando para quais imbróglis metafísicos eles nos conduzem”<sup>2</sup>. Os diferentes capítulos mostram que etnografias que podem emergir dessa abordagem oferecem ao leitor a sensação de ter entrado no mundo da vida das pessoas estudadas, e mais importante, a de ter deixado a academia.

## References:

Latour, Bruno. 2005. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford: Oxford University Press.

## Notas

<sup>1</sup> Latour, Bruno. 2005. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford: Oxford University Press, p. 4-5.

<sup>2</sup> Idem, p. 62.